

# Artes Visuais

## IX Colóquio dos Museus de Arte

Promovido pelo Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá sediou o IX Colóquio dos Museus de Arte, que pertencem à Associação dos Museus de Arte do Brasil. Bastante concorrido, participaram do Colóquio representantes de Museus de Arte de diversos Estados, críticos e conferencistas.

Clarival do Prado Valadares proferiu palestra sobre "Arte Africana nos Museus Americanos".

Aluísio Magalhães falou sobre o projeto que vem desenvolvendo em Brasília, para o Centro Nacional de Referência Cultural, contribuindo para o temário do IX Colóquio: "O Museu e a Preservação da Memória Nacional" e "Comportamento do Público Visitante nos Museus de Arte".

Fernando Veloso, presidente da Associação dos Museus de Arte do Brasil e diretor do Museu de Arte Contemporânea do Paraná esteve presente, contribuindo para o sucesso do encontro. Estiveram também em Cuiabá os seguintes representantes de Museus de Arte ou entidades culturais: Antônio Sérgio Benevento, do Programa de Ação Cultural do Ministério da Educação e Cultura, com sede no Rio de Janeiro; João de Oliveira, diretor do Museu do Estado de Pernambuco; Walter Melo, da Fundação Cultural de Brasília; Ana Sobral de Carvalho, do Museu do Estado de Sergipe; Carlos Humberto Correia, do Museu de Florianópolis; Elvira Vernaschi, do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e Ivani Moreira, do Museu de Arte Contemporânea do Paraná.

Foram formados dois grupos de trabalho, sendo um constituído de Humberto Espindola, diretor do Museu de Arte de Cuiabá, Aline Figueiredo, Mário Barata, Lara Pentead, Maria de Lourdes de Lameira Freire, Teresinha de Jesus Arruda e Sérgio Guimarães de Lima (relator).

para debater o tema "Preservação da Memória Nacional".

As conclusões deste grupo foram as seguintes:

1 - Apelo do IX COLOQUIO NACIONAL DOS MUSEUS DE ARTE DA AMAB à iniciativa para a implantação do Centro Nacional de Referência Cultural em Brasília, incluindo funções museográficas.

2 - Aceita a adequação do conceito MUSEU à era cibernética na utilização da mais avançada tecnologia no registro e processamento dinâmico da Memória Nacional.

3 - A AMAB considera essencial que os Museus incluam sempre a contribuição dos Centros de Documentação e Pesquisa para enriquecimento mútuo. Para tanto o museu deverá estimular as suas atividades de Informação e Documentação na área de sua atuação de forma a efetivar-se na função de receptor e difusor de informações em relação ao Centro Nacional e outros diretamente responsáveis na política de PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL.

4 - A Direção da AMAB deverá solicitar ao Conselho Federal de Cultura, que facilite a indicação das fontes de recursos existentes no país, destinadas ao financiamento de programas prioritários de incentivo às pesquisas e atividades que resultem numa efetiva ativação do processo cultural do país.

5 - A diretoria da AMAB, fará gestões junto ao Departamento de Assuntos Culturais do MEC, para que sejam garantidos recursos financeiros a serem utilizados no levantamento e triagem em âmbito nacional, a nível de museus e preferentemente em convênios com as Universidades, do acervo cultural brasileiro.

6 - Considerando que a PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL tem como requisito básico a formação de uma consciência da unidade e significação dos valores culturais, recomenda-se que se criem condições e sejam estimuladas as atividades



Espindola, anfitrião em Cuiabá

educativas que tenham por base o envolvimento do MUSEU no processo educacional, de forma regular e sistemática pelos órgãos encarregados da educação e cultura dos Estados.

O segundo grupo, para discutir o tema "Comportamento do Público Visitante nos Museus", foi formado por Carlos Humberto Pedereiras Correia (relator), Elvira Vernaschi, Fernando Veloso, Uliano Pedrosa, Walter Albuquerque Melo e Wilma Teresa Rodrigues de Carvalho. Foi a seguinte a conclusão deste segundo grupo:

"Tendo em vista a estreita ligação existente entre os Museus, como órgão atuantes, e o público, para o qual foram criados, torna-se necessário o conhecimento das suas reações para que possam resultar numa abrangência social e cultural eficiente.

A análise periódica do comportamento dos visitantes dos museus é básica para que os métodos de atuação sejam revistos.

O IX Colóquio dos Museus de Arte do Brasil, reunido em Cuiabá, de 10 a 12 de setembro de 1975, tendo em vista as considerações acima, recomenda aos seus filiados a aplicação de questionários para a avaliação do comportamento do visitante e das causas que nele influem.

Os critérios a serem adotados na elaboração dos questionários deverão objetivar a função dos museus em si, mais do que o conteúdo veiculado nas suas manifestações, bem como não devem servir somente como elemento de estatística, mas principalmente como análise do referido comportamento.



Estas telas de Volpi estarão na Retrospectiva do MAM, a partir do dia 2, com mais 350 outras, de diversas fases do artista, desde 1914: "Vela" (1973), acima; "Bandeirinhas" (1975), acima à direita; "Rua de Mogi" (1934) à direita. Todas são de colecionadores particulares.

## Volpi, no limiar dos 80 anos

"Eu, como me sinto ao estar chegando nos 80 anos? A mesma coisa! Quê diferença que faz? Oitenta anos... tem muitos que ficam mais velhos antes... Outros, em vez, vão na frente, a idade não quer dizer nada. No quarenta, em Itanhaem, subindo por um rio, conheci um caçador que tinha uns 140 anos, e o filho tinha também um século! Pois o filho estava doente e o pai parecia filho do filho... Vai alguém explicar essa coisa."

"Eu? Eu acordo lá pelas seis e meia, sete horas no máximo, depende também da hora que vou dormir, às vezes levanto só os oito. Eu sempre escuto o jornal da Tupi, que é mais cedo, ou, depois das sete, aquele, acho, que da Globo. Hoje eu peguei prá trabalhar às sete e meia... Eu acordo, lavo o rosto, o banho não tomo, só de noite que eu gosto, e mais sossegado, a gente pode ficar uma meia hora tomando um banho... Me visto, ponho qualquer camisa, vou tomar o café, que é uma simples laranjada e um cafézinho... De manhã, não como, não tenho o hábito, há muitos anos é assim."

"Então, ouço o jornal da rádio, prá saber o que se passa, e já venho trabalhar no ateliê. Só durante o dia leio o jornal, um pouco de tudo, do estrangeiro, política, tudo, só arte é mais raro, os jornais pouco publicam. Aqui, logo cedo, vejo o trabalho que tenho, às vezes preparo as telas, os chassis, as tintas... A

no péto, arrulham os pombos, duas lembranças de sua mulher Judith, de quem o velho artista fala afetuosamente — e guarda, penduradas na sala principal da casa, muitas telas ingênuas. "E a Judith também pintava, nas horas vagas", arrisca Volpi, com o sorriso franco e bom, lembrando um legítimo toscano das montanhas.

"Mas, só vendo as coisas novas, as minhas telas antigas eu é que compro. Quando me trazem, como não! São coisas que as vezes dei de graça, são tipo 14, do 20... Lá pelo meio dia, meio dia e meia, a empregada me chama, não tem hora certa, depende da cozinha.

Aperitivo não tomo, se não, vou comer mais ainda. Como de tudo no almoço, arroz e feijão sempre, carne ou frango, a macarronada só uma vez por semana, todo o dia, enjoo... Sempre tomo vinho, o vinho é bom toda a vida, compro esse tipo "Bola", uma espécie de quantil... As vezes, eles me trazem vinho também. De sobremesa, frutas, só frutas, doces não. Ai volto ao trabalho, não descanso não... se deitar, pego no sono, não gosto. O trabalho vai embora até que eu envergue bem à luz do dia. Por aí até as cinco horas no inver-



tela é de linho, compro no comércio o pano, eles trazem da rua Augusta, 20, 30 metros, não sei o nome da loja... O chassis faz de ovo, o carpinteiro corta o sarrafinho, armo eu cada tela, não é por economia, não, comprar feito seria melhor, mas a tela que faço é melhor que todas as outras, como não? Os pigmentos das tintas também misturo, e diluo, é um processo meio complicado, entram os líquidos que eles me compram, gema de ovo, vai tudo secar no sol... O pessoal vem aqui e brinca que sou um praticante de química. Ah!"

"Eu pinto para mim, não para as encomendas, mas as vezes tem alguém que encomenda, uns amigos do Rio, daqui... Eles vem ver se tenho um quadro, as vezes gostam do que fiz e levam, ai eu vendo..."

Mas, só vendo as coisas novas, as minhas telas antigas eu é que compro. Quando me trazem, como não! São coisas que as vezes dei de graça, são tipo 14, do 20... Lá pelo meio dia, meio dia e meia, a empregada me chama, não tem hora certa, depende da cozinha.

Aperitivo não tomo, se não, vou comer mais ainda. Como de tudo no almoço, arroz e feijão sempre, carne ou frango, a macarronada só uma vez por semana, todo o dia, enjoo... Sempre tomo vinho, o vinho é bom toda a vida, compro esse tipo "Bola", uma espécie de quantil... As vezes, eles me trazem vinho também. De sobremesa, frutas, só frutas, doces não. Ai volto ao trabalho, não descanso não... se deitar, pego no sono, não gosto. O trabalho vai embora até que eu envergue bem à luz do dia. Por aí até as cinco horas no inver-

no, no verão até pelas seis. É um problema de cor, os meus quadros são para se ver com a luz natural, ficam melhor".

"Ai vou para dentro, se vem, um amigo, converso, se não vem, vejo a televisão. A casa tenho há muitos anos, era velha quando comprei, construí na frente lá por 57, 56... Depois, derrubei a casa velha, lá por 62, fiz este ateliê nos fundos... ficou bom. Lá na frente eu guardo as telas dos amigos artistas, as telas do Rebol, Gobbi, Zorlini, Souza, Fiamminghi, Silva, Charoux, Hilde, De Fiore, Barsotti, Raimundo, temesculturas do Bruno Giorgi e um grande cuzquinho, arte popular em penca, ex-votos, santos, me trazem, eu gosto".

"Este cigarro de palha que estou fumando? Eu mesmo preparo, o fumo vem de Rio das Pedras, que é o melhor, ou Tietê, o Golano e o Poço Fundo também são bons, tem uns mais fortes, outros mais fracos... Fumo cigarro de palha desde o 30, é bom, assim se fuma menos, não se traga muito. A palha boa é que é difícil arranjar, mas as vezes também me trazem umas muitas horas, eu junto, em geral tomo uma sopa de alho e farinha de milho e uns temperos crus, azeite, pimenta rão reino e, no fim, frutas e mais frutas.

Quando eu vou ao Rio, gosto do caldo verde que faz a Leontina, mulher do Bruno. Per la madona... No sábado e domingo, pinto também, se não saio, ou venho os amigos. Futebol não assisto, é muito fanatismo. Gosto de jogar paciência, o "solitário", é um jogo que faço sozinho, isso distrai, o Bruno é que me ensinou.

Volpi, provocado, passa das artes domésticas para sua arte, sua pintura, os críticos.

"O que os críticos falam da minha pintura, deixa que eles comentem, não me importo. Desde o 14 fui autodidata, nunca aprendi em escola, fiz tudo sozinho, nem em academia entretanto, igual ao Rebol e tantos outros. Pintei paisagens, marinhas, figuras, modelos vivos — principalmente no Santa Helena, sempre "do natural". Na Itália, tudo que podia ver, eu via. Giotto, Piero de la Francesca, todos bons, grandes pintores, só gosto de arte boa, tanto lá como aqui.

Em Arezzo vi uma exposição muito boa, dos bizantinos até "99 vi o Margaritone e tantos outros... Influências, todos tem, não é coisa prejudicial..."

Aquestão é que sempre pintei as minhas pinturas que "sem", nunca fui atrás de corrente alguma. Os concretistas me convidaram, fui expor com eles... mas nunca pensei em seguir alguém ou qualquer corrente... Uma vez em 57 ou 58 fomos ver uma casa aqui perto, com o Mário Pedrosa, tinha umas linhas geométricas minhas na fachada, ele achou fantástico, e eram do 30 ou do 40... Sempre pintei o que senti, a minha pintura aos poucos foi se transformando, começa com a natureza, depois aos poucos vai saindo fora, as vezes continua, eu nunca penso no que estou fazendo. Penso só no problema da linha, da forma, da cor. Nada mais... Meus quadros tem uma construção, o problema é só de pintura, não representam nada. Isso vem aos poucos, é uma coisa lenta, é um problema, toda a vida foi assim".

## 30 anos do Clubinho

Gerda Brentani, presidente do Clubinho, está animada com a "Noite do Bataclã", que será realizada dia 15 próximo, comemorando os 30 anos do Clubinho. Artistas, sócios e convidados deverão comparecer fantasiados a caráter. Haverá shows e outras atrações.

Entradas a Cr\$ 50,00 cada, já à venda na sede social.

## W. da Costa na Bienal

Na semana passada publicamos a lista dos artistas que aderiram à sala especial a ser formada junto à próxima Bienal, com o objetivo de constituição do acervo do Museu de Brasília. A relação nos foi enviada pela Fundação Bienal, falando o nome do conhecido pintor e mestre Waldemar da Costa, cuja obra estará a mostra e à disposição dos compradores-doadores.



Segall no MLS, só a guerra

RECOMENDAMOS: Lesar Segall, óleos, desenhos e aquarelas, visões do guerreiro, Museu Lesar Segall; Tide Helmeister, colagens, Contorno; Edmar de Almeida, tobe-carias, Museu de Arte de São Paulo; Rebol, óleos, A Goleia; Mário Cravo, esculturas, EPA; John Graz, semana de arte, Escola Lessa (R. Haddock Lobo, 885); José dos Móbles, "borboletas", Galeria A e O, R. José Maria Lisboa, 1139.

ARTES VISUAIS: Luiz Ernesto M. Kawall, editor; Fernando C. Lemos, redator; Jair de Oliveira, diagramador.

## Flávio, por ele mesmo - IX (final)

"Aquilo que eu chamo de linhas de força no desenho não tem nada que ver com a emoção visual direta, nada que vença a imagem fotográfica que é uma função da emoção visual. As linhas de força são em alto grau subjetivas e dependem da sugestibilidade que o modelo ou a paisagem está sendo pintada ou desenhada. As vezes coloco nos desenhos linhas que são absolutamente contrárias aquilo que normalmente é indicado pela imagem que são contrárias, como os senhores podem ver, na Bienal. Tem alguns expostos, e essas linhas são semi-poéticas e colocadas no papel ou na tela de maneira surrealista, usando um processo de livre associação de idéias que no momento surge e são colocadas sem mais preocupação e sem lógica".

Isso disse Flávio de Carvalho, finalizando sua palestra aos alunos da Faculdade de Arquitetura da USP há cerca de 10 anos, palestra essa que publicamos em 9 partes, encerrando-se hoje. E Flávio arrumava:

A lógica desaparece da linha de força e nada tem a lógica que vem da produção de um desenho meu ou de uma pintura. Mas tem que ver apenas a emoção imediata a sugestibilidade oferecida pela paisagem ou pelo modelo ou a livre associação de idéias que surge no momento e que é uma função de todos os meus complexos e da vida anterior e de todas as minhas dificuldades e de todas as soluções que eu procuro dar a meu complexo. Uso o mesmo processo pintando e desenhando. Eu não desenho o assunto a lapis para por cores em cima, mas vou diretamente às cores. Uso quatro cores fundamentais, vermelho, azul, amarelo e verde e o branco como complemento para tonalizar essas quatro cores. E coloco as cores diretamente sobre a tela sem uma lógica preconcebida, sem um plano preconcebido. Talvez seja errado, não sei.

"Agora, na arquitetura eu procuro estudar a paisagem. No projeto que eu fiz para a Universidade Internacional de Música levei um ano estudando a paisagem. Eu percorri o Vale do Paraíba com o maestro Eleasar de Carvalho durante um ano. Vales e montanhas, e tive de organizar um sistema de ponte, porque todas as cidades do Vale do Paraíba queriam que eu projetasse a Universidade Internacional de Música na sua cidade."

Como pode concluir, meu caro amigo, quem agora está interessado nesta estória sou eu.

Resumindo: fiquei contente com a notícia de que a casa não será modificada, com a divulgação do nome do grande Flávio e por ter encontrado na matéria divulgada mais subsídios para o meu livro — ainda inédito — "O Javali do Asfalto" sobre a vida daquele que foi — e continua sendo — um dos homens mais polêmicos e controvertidos da nação brasileira.

Antecipadamente agradecido, envio-lhe o meu sempre abraço amigo.

tório de Carvalho, tio do artista, inserido em edição passada, recebemos do artista J. Toledo, de Campinas, a seguinte carta:

"PREZADO EDITOR. A propósito de sua publicação de 10 de agosto p.p., volto a escrever-lhe, primeiro para cumprimentá-lo, pelo fato de ser o seu um magnífico trabalho e, jornalisticamente, um dos mais completos. Segundo, para agradecer-lhe por ajudar-me a manter e divulgar o trabalho e a memória do mestre de Valinhos, o "Poeta das Cores" como era conhecido o grande e querido Flávio de Carvalho.

E terceiro, para participar-lhe do meu júbilo, da minha alegria ao saber que o atual proprietário da "Capuava" não pretende, bem como seus filhos e netos, modificar a estrutura original de sua sede, como foi erroneamente informado.

Depois do derrame de Flávio, estive somente uma vez na fazenda e em seu apartamento da Av. Ipiranga, acompanhado de minha secretária particular, de um escrivão de polícia de Valinhos e do caseiro de Flávio, que era o "guardião" dos imóveis e possuidor das chaves.

Ignoro totalmente a matéria acusatória mencionada na carta publicada no domingo passado e acho incrível que o "missivista de Valinhos" ainda não tenha apelado à polícia para apurar as responsabilidades, se de fato elas existem.

A propósito, depois de Flávio estar internado, por precaução, comuniquei-me com a Sra. Sílvia Sodré que, junto com o Sr. Almeida Salles, providenciou uma guarda especial para policiar os bens do meu amigo enfermo.

Quando à fazenda, solicitei da Prefeitura Municipal de Valinhos dois guardas em dois períodos diferentes que policiassem a sede e dependências vizinhas.

Como pode concluir, meu caro amigo, quem agora está interessado nesta estória sou eu.



"Reunião à mesa" (1944), à esquerda; "Hotel do Comércio de Iguape" (1953), à direita, também na retrospectiva. Ao centro, Volpi, hoje.



"Reunião à mesa" (1944), à esquerda; "Hotel do Comércio de Iguape" (1953), à direita, também na retrospectiva. Ao centro, Volpi, hoje.